

Revista Appai

EDUCAR

DIGITAL

Informação ao Profissional de Educação

A escola emocionalmente cansada



Quando a urgência se torna rotina e o cuidado deixa de ser opcional

SUMÁRIO

5 **EDUCAÇÃO INFANTIL**
MEDIR PARA DESCOBRIR: APRENDIZAGEM NA
INFÂNCIA

9 **INTERDISCIPLINARIDADE**
QUANDO A ESCOLA VIRA PALCO DE TRANSFORMAÇÃO

15 **MATÉRIA DE CAPA**
A ESCOLA EMOCIONALMENTE CANSADA

29 **INTERDISCIPLINARIDADE**
RAÍZES QUE ENSINAM

35 **CONEXÃO EDUCAR**
O STREAMING COMO PONTE PARA O
CONHECIMENTO

39 **COLUNA SOCIOAMBIENTAL**
A JOVEM TARTARUGA MARINHA CHAMADA VOVÓ

41 **40 EDUCADORES QUE
TRANSFORMAM VIDAS**
HISTÓRIAS QUE CONTINUAM INSPIRANDO

59 **INCLUSÃO**
PORTAL CONSURDO

65 **LÍNGUA PORTUGUESA**
COORDENADAS X SUBORDINADAS

EXPEDIENTE

CONSELHO EDITORIAL

Julio Cesar da Costa

Ednaldo Carvalho Silva

JORNALISTA EDITORA

Antônia Lúcia Figueiredo

(M.T. RJ 22685JP)

DESIGNER

Yasmin Gundim

REVISÃO

Sandro Gomes

COLABORAÇÃO

Luiz André Ferreira

Sandro Gomes

COLABORAÇÃO DE TEXTOS E PESQUISAS

Jéssica Almeida

MEDIR PARA DESCOBRIR: APRENDIZAGEM NA INFÂNCIA

EDUCAÇÃO INFANTIL

Iniciativa utiliza instrumentos formais e não formais para desenvolver raciocínio lógico, investigação e autonomia entre crianças



Com o objetivo de contribuir para a compreensão das diferentes formas de medição e para a construção de conhecimentos matemáticos e científicos desde a infância, o Colégio Santa Marcelina São Paulo desenvolveu o projeto pedagógico *Como medimos as coisas*. A iniciativa envolveu estudantes da Educação Infantil e propôs experiências investigativas que aproximam a matemática do cotidiano das crianças.

Ao longo do ano letivo de 2025, uma turma com 14 estudantes participou de atividades voltadas à exploração de instrumentos de medição formais e não formais, como régua, fita métrica, calendário e relógio analógico, além de recursos alternativos como passos, blocos, rolinhos e tampinhas. A proposta ampliou as possibilidades de investigação e favoreceu a compreensão de conceitos relacionados a tamanho, tempo e quantidade, estimulando o desenvolvimento do pensamento lógico e da autonomia.

De acordo com Lilian Rita Mendes Macedo, professora responsável pelo projeto, a iniciativa nasceu da curiosidade das próprias crianças e foi estruturada a partir de uma abordagem investigativa e participativa. “A partir do momento em que identifiquei esse interesse na turma, procurei criar um ambiente rico em materiais relacionados à medição. Então, conduzi os estudantes em um percurso de descobertas, no qual medir o próprio corpo, os objetos, os espaços, o tempo e até fenômenos da natureza passou a ser uma forma de compreender a si, ao outro e ao mundo”, afirma.

A proposta pedagógica incentivou os estudantes a estimar, comparar e analisar a precisão de diferentes instrumentos de medição por meio de atividades práticas e reflexivas. O processo investigativo permitiu que as crianças explorassem conceitos matemáticos de maneira concreta e significativa, desenvolvendo a capacidade de analisar dados, testar hipóteses e construir conhecimento a partir da experimentação.

ATELIÊ E SALA *MAKER*

Durante o projeto, diversas experiências pedagógicas foram realizadas, como a construção e o uso de um relógio de sol antigo para compreender a passagem do tempo por meio da observação da natureza. Os estudantes também produziram manuais de instrução, ampliando o letramento e a autonomia, além de participarem de estudos do meio que levaram a investigação para além dos muros da escola. As atividades incluíram ainda experiências no ateliê e na sala *maker*, onde as crianças desenvolveram instrumentos e protótipos, além da elaboração de gráficos e mapas mentais para organizar ideias, hipóteses e dados coletivos.

Além do desenvolvimento cognitivo, o projeto também integrou o campo socioemocional, especialmente por meio de atividades em grupo. Segundo Lilian, o trabalho coletivo estimulou a escuta atenta, o respeito às diferentes ideias e a negociação de estratégias. “Esse processo contribuiu para a formação das crianças, tornando-as mais cooperativas, seguras e conscientes do tempo e do espaço do outro”, explica.



CÂMERAS, APLICATIVOS DE MEDIÇÃO E FERRAMENTAS DIGITAIS

A tecnologia também teve papel importante ao longo do projeto. Os estudantes utilizaram câmeras, aplicativos de medição e ferramentas digitais de registro, ampliando as possibilidades de observação, comparação e documentação das descobertas. Jogos, vídeos e atividades bilíngues complementaram o percurso pedagógico e contribuíram para a consolidação do vocabulário matemático tanto em português quanto em inglês, de forma lúdica e interativa.

Outro momento importante foi a participação das famílias. Por meio da plataforma de comunicação da escola, pais e responsáveis contribuíram com informações, doações e empréstimos de artefatos de medição, como bússolas, trenas e réguas de diferentes tamanhos. Em casa, muitos familiares também participaram da construção de instrumentos, fortalecendo o vínculo entre escola e família e ampliando o repertório das crianças.

Entre os desafios do projeto esteve o acesso a todos os instrumentos sugeridos pelos estudantes, o que exigiu criatividade, colaboração e envolvimento da comunidade escolar. Por outro lado, o interesse constante das crianças pela matemática foi um fator que facilitou o aprofundamento das investigações ao longo do processo.

Embora na Educação Infantil o currículo seja organizado por campos de experiência, o projeto dialogou de forma integrada com diferentes áreas do conhecimento, como ciência, linguagem, geografia e inglês, ampliando o repertório das crianças e fortalecendo a aprendizagem interdisciplinar. “Na etapa final, esse percurso também se aprofundou no campo socioemocional, ajudando os estudantes a compreenderem melhor o próprio tempo, o tempo do outro e a sua relação com o coletivo”, conclui a professora.

Colégio Santa Marcelina São Paulo

Rua Cardoso de Almeida, 541 – Perdizes
São Paulo/SP

CEP: 05013-000

Tel.: (11) 3677-0600

Site: www.santamarcelina.edu.br

Foto: Colégio Santa Marcelina São Paulo

QUANDO A ESCOLA VIRA PALCO DE TRANSFORMAÇÃO

INTERDISCIPLINARIDADE

Arte, história, culinária e representatividade mobilizam todas as turmas do Colégio Estadual Padre Anchieta



Foto por FG Trade Latin via GettyImages - 1972391257

Muito além de uma atividade no calendário escolar, o Conscientizar-teCEPA se transformou em um movimento de valorização da cultura afro-brasileira dentro do Colégio Estadual Padre Anchieta. Com arte, debates, música, culinária e protagonismo estudantil, o projeto mobilizou todas as 24 turmas da escola em uma experiência coletiva de aprendizado, identidade e representatividade. Inspirado na educação antirracista e no fortalecimento da Lei 10.639/03, o projeto mostra como a escola pode ser um espaço real de transformação social, diálogo e construção de uma consciência mais crítica e inclusiva.



VALORIZAÇÃO E PROTAGONISMO ESTUDANTIL

O ConscientizarteCEPA tem como foco valorizar a contribuição histórica, cultural, artística e social do povo negro, estimular o protagonismo estudantil por meio da produção artística e combater o racismo dentro e fora da escola. A iniciativa também reforça a importância da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar.

Ao incentivar diálogos sobre identidade, pertencimento e representatividade, o projeto integra diferentes componentes curriculares – Arte, Educação Física, Inglês, Português, Química, Física, Biologia, História, Geografia, Filosofia, Sociologia e Ma-

temática – ao tema da Consciência Negra. A proposta interdisciplinar amplia o debate e fortalece a construção de uma cultura escolar mais inclusiva e consciente.

Entre os resultados esperados estão o aumento da conscientização sobre a importância da luta contra o racismo, a melhoria do ambiente escolar com redução de atos de preconceito e discriminação, o empoderamento estudantil e o fortalecimento da autoestima de alunos negros. O projeto também busca ampliar o engajamento da comunidade e produzir um acervo de materiais, como cartazes, vídeos, apresentações e textos, que possam ser utilizados em ações futuras.

VIVÊNCIAS CULTURAIS, ARTE E PROTAGONISMO ESTUDANTIL

As atividades desenvolvidas ao longo do projeto abrangem múltiplas expressões da cultura afro-brasileira. Na culinária, os estudantes organizaram feiras gastronômicas com pratos típicos como acarajé, vatapá, moqueca e canjica, pesquisando a origem e o simbolismo dos alimentos. A moda afro e o Desfile da Beleza Negra destacaram roupas, turbantes, trançados e acessórios, além da produção de peças com materiais recicláveis, unindo estética afro-brasileira e sustentabilidade.

A arte esteve presente na produção de máscaras, pinturas corporais e faciais, colares, esculturas e artesanato ao vivo. A turma 1.003 realizou oficinas de turbantes, acessórios e bonecas Abayomi, conectando os estudantes a práticas manuais de matriz africana. Na música e na dança, o projeto contou com oficinas de jongo, *funk*, samba, maculelê e danças africanas, além de intervenções culturais. A turma 3.002 apresentou a música “Pérola Negra”, e o projeto também teve destaque no Folclorando com um número de Maculelê.



Foto por vgajic via Getty Images - 916514652



APRESENTAÇÕES E EXPOSIÇÕES

A culminância do projeto reuniu artes, história e representatividade em apresentações que emocionaram a comunidade escolar. As turmas desenvolveram pesquisas e exposições sobre personalidades negras que marcaram o Brasil e o mundo. Com os 9º anos, a atividade teve formato inspirado no programa Encontro, com entrevista encenada com Nelson Mandela e sua esposa, apresentações de dança, declamação de poesias e quadros culturais criados pelos próprios estudantes.

IMPACTO NA COMUNIDADE ESCOLAR

Os resultados alcançados evidenciam a força do projeto. Para o diretor-geral, professor Renan Oliveira, o projeto é um dos momentos mais importantes do calendário escolar. “Ver nossos estudantes reconhecendo, valorizando e celebrando a cultura afro-brasileira é perceber que estamos formando cidadãos mais conscientes, empáticos e preparados para transformar o mundo”, afirmou. Já o professor Luiz Antonio reforça a relevância da iniciativa. “A cada edição meu coração se enche ainda mais de orgulho. O trabalho com a temática da Consciência Negra é sempre profundo, necessário e emocionante. Nossos estudantes abraçam a causa com verdade, e isso faz toda a diferença”, finaliza.

Colégio Estadual Padre Anchieta

Avenida 31 de março, Praça 01 – Parque Paulista – Duque de Caxias/RJ

CEP: 25261-000

E-mail: renanc@prof.educacao.rj.gov.br

Direção: Renan de Oliveira Costa

Fotos cedidas por Renan de Oliveira Costa

A ESCOLA EMOCIONALMENTE CANSADA

MATÉRIA DE CAPA • POR ANTÔNIA FIGUEIREDO

*Quando a urgência se torna rotina e o cuidado
deixa de ser opcional*

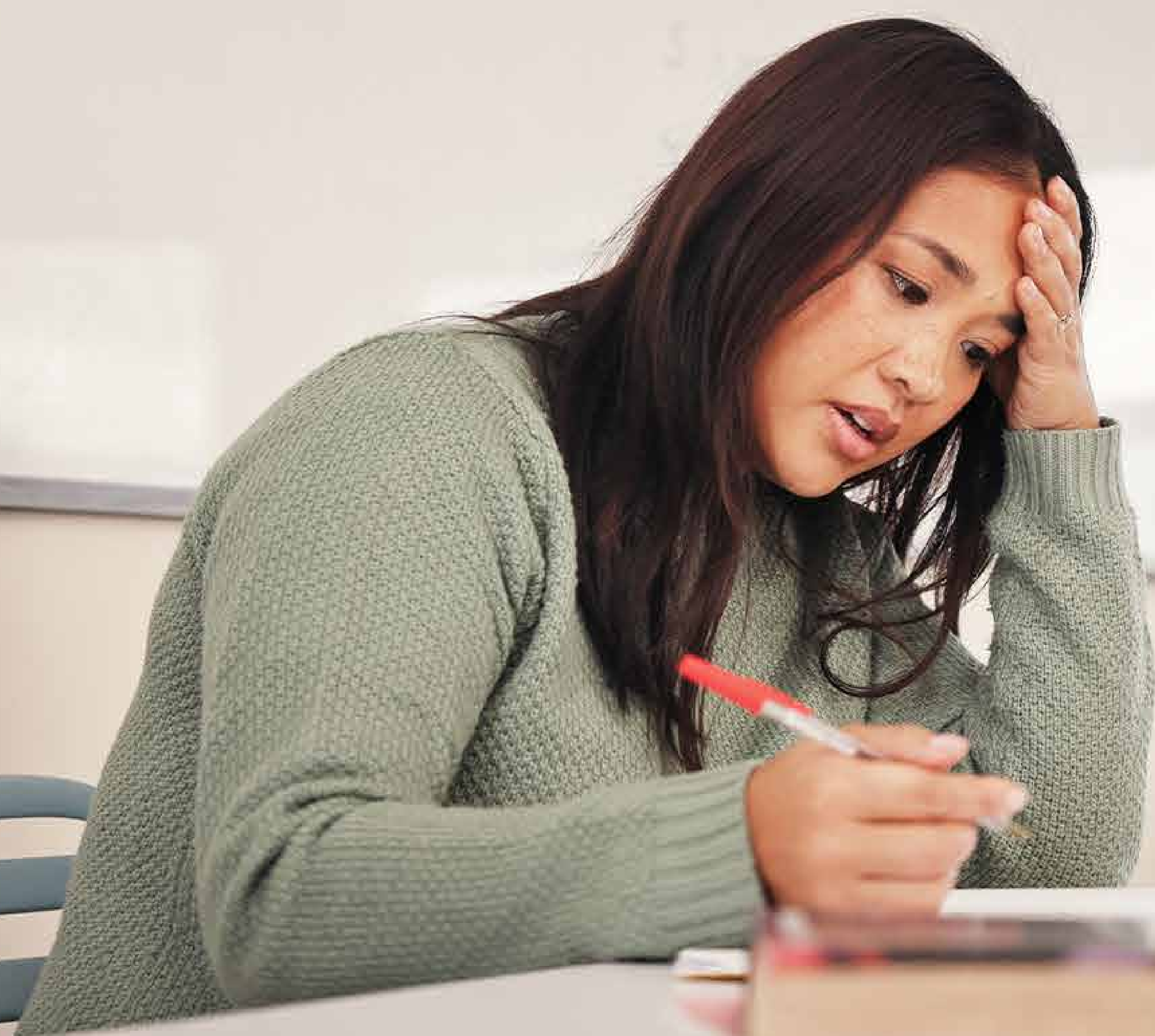


Foto por Jacob Wackerhausen via GettyImages - 2225549226

Quando falamos de esgotamento, independentemente da área de atuação, o tema parece ecoar em praticamente todas as pessoas.

Essa percepção está diretamente relacionada ao ritmo acelerado que passou a marcar a vida cotidiana, valorizando cada vez mais a produtividade e a capacidade de realizar múltiplas tarefas simultaneamente.

O que antes poderia ser visto como uma situação excepcional tornou-se parte da rotina. A sensação de estar sempre correndo contra o tempo, respondendo a demandas diversas e acumulando responsabilidades passou a integrar o cotidiano de muitos profissionais. E, dentro da escola, essa realidade não é diferente.

Nesta edição, a Revista Appai Educar Digital reuniu um time de especialistas para entendermos melhor esse momento e sugerirmos caminhos que atenuem essa lógica da urgência permanente. Isso porque, em linhas gerais, hoje observa-se que se fala muito sobre aprendizagem, tecnologia e desempenho, mas pouco sobre o cansaço acumulado dentro das escolas. Menos ainda sobre os sinais que indicam que a comunidade escolar está emocionalmente sobrecarregada.

A questão merece atenção. Afinal, a escola é um organismo vivo, formado por relações humanas, expectativas, desafios e responsabilidades compartilhadas. Quando professores, gestores, estudantes e famílias passam a conviver sob pressão constante, os impactos vão além do bem-estar individual e alcançam diretamente a qualidade das relações e da aprendizagem. Um fenômeno que tem despertado a atenção de educadores, gestores e pesquisadores em todo o país.



Ilustração por KatarzynaBialasiewicz via Gettyimages - 1181039287

QUANDO A ESCOLA PERDE VITALIDADE

Embora nem sempre seja facilmente percebido, o esgotamento costuma enviar sinais muito antes de se transformar em adoecimento. O desafio é que muitos deles acabam sendo naturalizados pela rotina. A educadora Irene Reis avalia que a sobrecarga começa a se tornar evidente quando a escola deixa de ser um espaço de encontro humano e passa a funcionar apenas sob a lógica das entregas, das cobranças e das urgências.

“A escola segue funcionando, mas perde vitalidade”, afirma Irene. Na avaliação de Irene, os sinais aparecem em diferentes níveis. Estão presentes no professor que já não consegue planejar com presença, no gestor que vive apagando incêndios, nos estudantes mais irritados ou apáticos e nas equipes que passam a se comunicar apenas para resolver problemas.

Irene também chama atenção para um aspecto importante: o cansaço emocional não deve ser interpretado apenas como uma questão individual. “Antes de perguntar apenas quanto uma escola entrega, precisamos indagar em que condições humanas essa entrega está sendo produzida”, explica.

Na mesma direção, o professor André Yuiti Ozawa analisa que o adoecimento costuma se manifestar antes mesmo de se tornar visível. “A escola costuma dar sinais antes de adoecer de forma mais evidente”, ressalta. Entre os pontos que merecem atenção, ele cita conflitos frequentes, dificuldade de escuta, irritabilidade, pressa constante e até o silêncio de quem deixa de participar. Tudo isso são indicadores que merecem atenção.



Mais do que uma sensação de cansaço ao final do dia, o que preocupa é a perda gradual da disponibilidade para os encontros e para os vínculos. “As pessoas seguem fazendo, mas com menos espaço interno para sentir, pensar e se vincular”, comenta André.

Para a pedagoga Ana Luiza Sinieghi, existe um indicador simples, mas extremamente revelador. “Em uma instituição educacional, o primeiro sinal do cansaço acumulado é a falta de alegria”, pontua. Em sua visão, ambientes emocionalmente saudáveis tendem a favorecer o engajamento, o pertencimento e a segurança emocional de toda a comunidade escolar.

O PROFESSOR QUE PRECISA DAR CONTA DE TUDO

Se o cansaço da escola se manifesta coletivamente, ele encontra no professor um dos seus pontos mais sensíveis. Ao longo das últimas décadas, a função docente passou a incorporar demandas que extrapolam o ensino de conteúdos. Além de ensinar, o educador acolhe, media conflitos, dialoga com famílias, acompanha indicadores, aprende novas tecnologias e responde a diferentes exigências administrativas.

Para André Yuiti, a questão não está na complexidade da profissão, mas na concentração dessas responsabilidades sobre uma única pessoa. “O problema é quando essa complexidade recai quase inteiramente sobre o professor”, avalia.

Nesse cenário, de acordo com André Yuiti, o educador passa a atuar sob uma lógica de urgência permanente. Resolve problemas, responde rapidamente a demandas e improvisa soluções, mas encontra cada vez menos tempo para observar os processos de aprendizagem, construir vínculos e exercer a escuta necessária ao ato educativo.

Seguindo esse raciocínio, Irene Reis analisa que esse excesso compromete diretamente aspectos fundamentais da prática docente. Em suas palavras, “ninguém cuida bem

quando está permanentemente esgotado”. A educadora acrescenta que a paciência diminui, a escuta se estreita e o olhar se torna mais apressado, afetando a relação pedagógica e, consequentemente, a aprendizagem.

Ana Luiza reforça que a escola precisa compreender que muitos desafios atuais exigem atuação interdisciplinar. “O professor não pode centralizar funções que competem a uma rede de apoio”, ressalta.



A CULTURA DA URGÊNCIA PERMANENTE

Outro ponto recorrente nas análises das especialistas é o impacto da hiperconexão. Mensagens instantâneas, plataformas digitais, redes sociais e notificações constantes alteraram a forma como as pessoas se relacionam com o tempo. “A escola parece estar sempre aberta”, resume André Yuiti. Para ele, professores, estudantes e gestores convivem com uma sensação permanente de incabamento.

Irene Reis acrescenta que o cérebro humano necessita de pausas para consolidar memórias, organizar ideias e transformar informações em

aprendizagem. “O cérebro precisa de silêncio, vínculo, descanso e tempo de elaboração”, esclarece. Ela também alerta para o aumento de sintomas como insônia, fadiga persistente e dificuldade de concentração.

Enquanto isso, Ana Luiza chama atenção para os impactos da hiperconexão sobre crianças e adolescentes. Em sua avaliação, o excesso de estímulos digitais tem contribuído para dificuldades relacionadas à socialização, à tolerância à frustração e à persistência diante dos desafios.





Foto por Xavier Lorenzo via GettyImages - 2183443319

RECUPERAR O VALOR DO ENCONTRO

Diante desse cenário, os especialistas defendem que o fortalecimento das relações humanas deve ocupar papel central nas estratégias de cuidado. “A escola recupera humanidade quando volta a proteger o encontro”, comenta André Yuiti. Na sua opinião, a escuta precisa deixar de ser um evento isolado e se tornar parte da cultura institucional.

Ao tratar da construção de relações mais humanas dentro da escola, Irene Reis defende que o cuidado precisa deixar de ocupar um papel

secundário nas instituições. “Cuidado não é o oposto de resultado. Cuidado é condição para resultado sustentável”, enfatiza.

Na perspectiva de Ana Luiza, a construção de um ambiente mais acolhedor passa pela criação de espaços permanentes de diálogo entre estudantes, famílias, professores e equipes de apoio. A educadora avalia que, quando a escuta se torna uma prática cotidiana, o sentimento de pertencimento ganha força e as relações tendem a se tornar mais colaborativas.

QUANDO O CANSAÇO VIRA ESGOTAMENTO

Um dos alertas mais importantes diz respeito à naturalização do sofrimento docente. “O cansaço comum pede descanso. O esgotamento pede cuidado, reorganização e reconhecimento”, resume André Yuiti.

Irene Reis explica que o problema deixa de ser pontual quando nem mesmo pausas ou períodos de descanso conseguem restaurar a disposição física e emocional. “Quando dormir não repara, já não estamos falando de cansaço comum”, afirma.

Complementando essa análise, Ana Luiza Sinieghi defende a necessidade de reconhecer precocemente os sinais de sofrimento emocional entre os profissionais da educação. Para ela, o educador precisa ser compreendido em sua totalidade emocional, psíquica e humana para que o cansaço não evolua para um quadro de adoecimento capaz de comprometer o processo de ensino e aprendizagem.

PEQUENAS MUDANÇAS, GRANDES IMPACTOS

Embora os desafios sejam complexos, os especialistas concordam que mudanças relativamente simples podem produzir resultados significativos. Organizar melhor os horários, proteger o tempo de planejamento, reduzir burocracias desnecessárias, melhorar a comunicação interna, criar espaços de convivência e fortalecer redes de apoio estão entre as medidas apontadas.

Irene Reis defende que a escuta deve ocupar um lugar estratégico na gestão escolar. “Uma escola que escuta aprende com seus erros, corrige rotas e constrói soluções mais inteligentes”.

André Yuiti reforça a importância das decisões cotidianas. Para ele, proteger o tempo de planejamento dos professores, organizar fluxos de comunicação e criar momentos intencionais de acolhimento são ações capazes de devolver fôlego à rotina escolar. “Quando uma escola consegue comunicar que as pessoas importam, ela já começa a reduzir parte da solidão e da sobrecarga”, pondera.

Ana Luiza Sinieghi acrescenta que algumas medidas estruturais exercem impacto direto sobre a qualidade de vida dos educadores e dos estudantes. Entre elas, a especialista destaca a atenção ao número de alunos por turma, a presença de profissionais de apoio para acompanhar estudantes com necessidades específicas e a valorização docente, fatores que contribuem para um acompanhamento mais individualizado e para a redução da sobrecarga enfrentada pelos professores.

A educadora também ressalta a importância das redes de apoio, tanto dentro quanto fora da escola. Na visão da pedagoga, o acesso a suporte especializado e a possibilidade de contar com familiares, amigos e colegas de trabalho podem fazer diferença na prevenção do esgotamento emocional e na construção de um ambiente mais saudável para todos.

O QUE AINDA SUSTENTA QUEM EDUCA

Em meio às transformações tecnológicas, às novas demandas sociais e aos desafios cada vez mais complexos da rotina escolar, uma pergunta permanece: o que faz tantos educadores continuarem acreditando na força da educação?

Para André Yuiti Ozawa, a resposta está no sentido que o trabalho docente carrega. Ele avalia que, apesar das mudanças que impactam a escola e a sociedade, permanece viva a capacidade do educador de reconhecer potencialidades, abrir caminhos e influenciar positivamente a trajetória de seus alunos. “O que sustenta o educador é o sentido”, garante.

André destaca ainda que essa motivação não pode estar sustentada apenas pela vocação individual. Segundo ele, o professor também precisa encontrar reconhecimento, pertencimento, espaços de escuta e condições adequadas para exercer sua profissão. Afinal, propósito sem apoio pode se transformar em sobrecarga, e vocação, quando não encontra acolhimento, corre o risco de se converter em desgaste.

Ao avaliar esse cenário, Irene Reis observa que muitos profissionais seguem na educação porque acreditam que sua presença continua fazendo diferença na vida de crianças e jovens. Segundo a especialista, há um compromisso humano que ultrapassa conteúdos, metodologias e resultados mensuráveis. “Muitos continuam porque sabem que, para

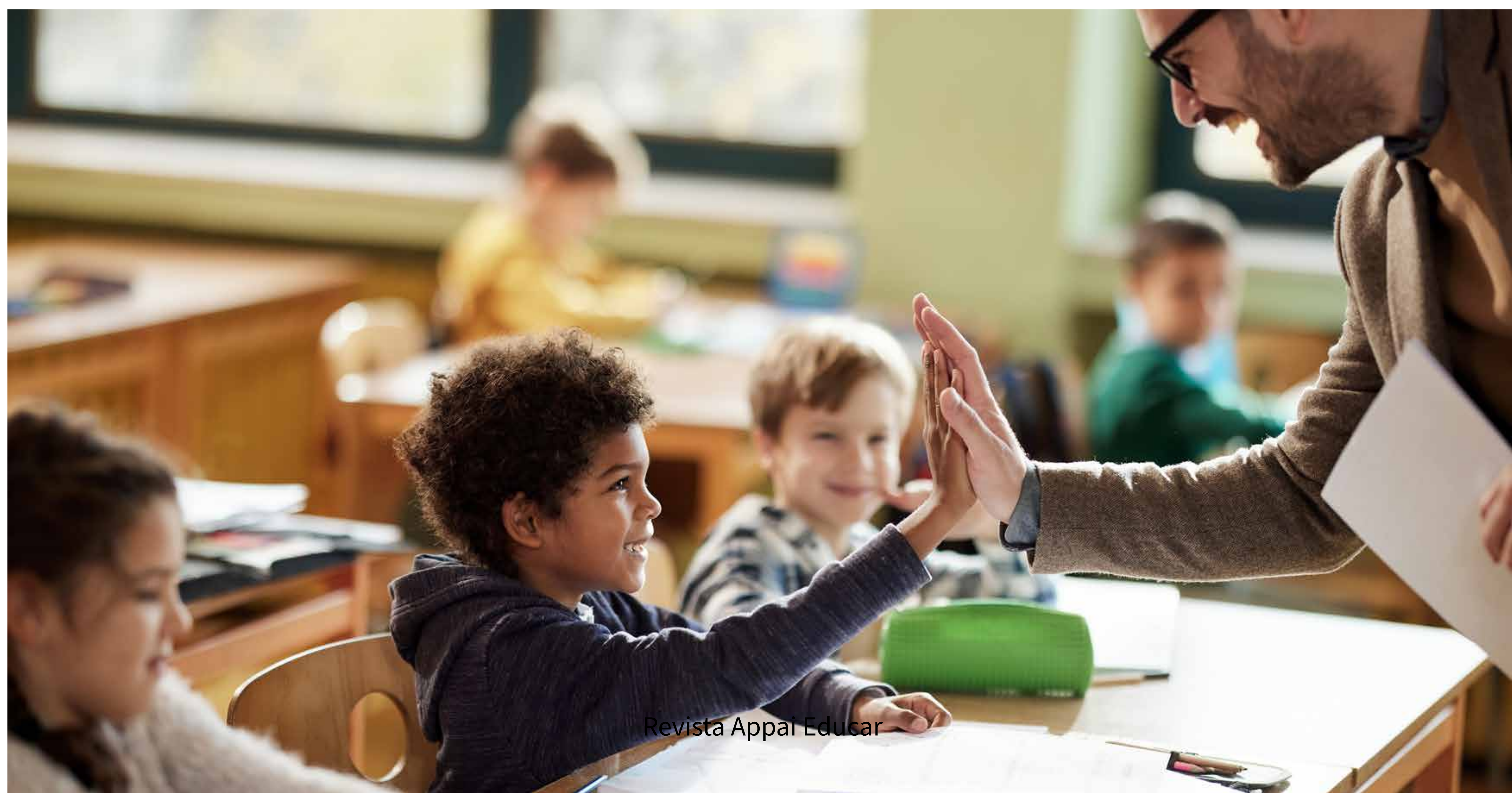


Foto por skynesher via Gettyimages - 1392125218

alguns estudantes, a escola é o lugar onde alguém finalmente percebe, escuta, reconhece e aposta em sua vida”, destaca.

Para Irene, esse vínculo é uma das forças mais poderosas da docência. A educadora argumenta que ensinar também significa deixar marcas, inspirar trajetórias e contribuir para a construção do futuro por meio das relações estabelecidas no presente. No entanto, ela alerta que esse propósito não deve ser usado para justificar condições inadequadas de trabalho ou a naturalização do sofrimento docente.

Ana Luiza Sinieghi relaciona essa permanência à vocação, ao propósito e ao desejo genuíno de contribuir para a formação humana. Em sua percepção, ensinar exige preparo técnico, atualização constante e compromisso com a aprendizagem, mas também envolve uma dimensão humana capaz de conectar o educador ao sentido mais profundo de sua missão. “Existe uma dimensão de chamado e de propósito que exige rigor científico para o preparo da mente, mas que demanda igualmente a abertura do coração para o acolhimento do outro”, alerta.

A especialista acredita que muitos professores encontram motivação na possibilidade de participar do desenvolvimento integral de seus alunos, acompanhando descobertas, conquistas e transformações que ultrapassam os conteúdos curriculares. É essa dimensão relacional, construída no encontro cotidiano com o outro, que ajuda a manter viva a esperança e a confiança no papel transformador da educação.

Embora utilizem abordagens diferentes, os três convergem em um ponto essencial. O que sustenta emocionalmente o educador não é apenas a rotina de ensinar, mas a convicção de que seu trabalho continua sendo capaz de gerar impacto na vida das pessoas. Uma certeza que, mesmo diante dos desafios, segue alimentando o compromisso de quem escolheu educar.



CUIDAR DE QUEM EDUCA

Mais do que identificar sinais de esgotamento, o desafio está em construir uma cultura que reconheça o cuidado como parte essencial do processo educativo. Afinal, a qualidade da aprendizagem, das relações e da convivência escolar depende diretamente das condições oferecidas às pessoas que fazem a educação acontecer todos os dias.

Nesse contexto, iniciativas que promovem acolhimento, bem-estar e qualidade de vida ganham ainda mais relevância. Há 40 anos, a [Appai](#) atua como uma importante rede de apoio aos profissionais da educação, oferecendo benefícios, programas, projetos e parcerias que contribuem para o desenvolvimento pessoal e

profissional dos associados nas áreas de educação, saúde, lazer, assistência social, cultura e longevidade. Um cuidado que reconhece o educador para além da sala de aula e valoriza seu bem-estar de forma integral.

Em um mundo cada vez mais acelerado, recuperar espaços de escuta, fortalecer vínculos, valorizar o tempo de convivência e proteger a saúde emocional da comunidade escolar talvez não sejam apenas estratégias de bem-estar. São escolhas que ajudam a preservar aquilo que continua sendo o maior patrimônio da escola, sua capacidade de formar pessoas, inspirar trajetórias e transformar vidas.

Fontes:

Irene Reis é educadora, Mestre e Doutoranda em Ciências da Educação, Especialista em Neurociência e Comportamento. Autora do livro “Como ser um educador? Reinventando a educação de A a Z” (Wak Editora).

Ana Luiza Matos Lopes Sinieghi é pedagoga, tem especialização em “Psicopedagogia ABA”, em “Psicopedagogia e Psicomotricidade”, em “Gestão Escolar” e em “Neuroeducação”, além de Mestrado em “Projetos Educacionais em Ciências”. Atua como Diretora-adjunta na Educação Infantil do Instituto Canção Nova, em Cachoeira Paulista (SP) – uma das unidades da Rede de Desenvolvimento Social Canção Nova.

André Yuiti Ozawa é gestor de conteúdos de inovação profissional na Casa Firjan e atua nos programas Sesi Formação para Educadores e LabDesign. Professor e gestor educacional, possui graduação em Letras e doutorado em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

RAÍZES QUE ENSINAM

INTERDISCIPLINARIDADE

Projeto valoriza culturas e fortalece identidade, respeito e pertencimento na escola



Foto por FG Trade via Getty Images #2166781246

Promover o respeito às diferenças étnico-raciais, valorizar a ancestralidade e ampliar o reconhecimento das contribuições dos povos africanos e indígenas na formação da sociedade brasileira. Esses são os eixos norteadores do projeto *Nossas raízes: valorizando a cultura afro-brasileira e indígena*, idealizado pela professora Ariadne Nunes Monteiro Lima.

Desenvolvida com turmas do 4º ano da E. M. Alagoas, no bairro Pilares, no Rio de Janeiro, a iniciativa integra diferentes áreas do conhecimento ao longo do ano letivo, conectando o conteúdo escolar à identidade e à realidade dos estudantes.



QUANDO CONHECER TAMBÉM É RECONHECER

Ao longo das atividades, os alunos foram convidados a mergulhar em aspectos históricos, sociais e culturais das populações afro-brasileiras e indígenas. “O objetivo não é só conhecer, mas valorizar e respeitar essas culturas no dia a dia”, explica Ariadne.

Nesse processo, o combate a estereótipos e preconceitos deixou de ser apenas discurso. A valorização da ancestralidade passou a fazer parte das práticas em sala de aula, fortalecendo o reconhecimento de si e do outro.

O projeto envolveu disciplinas como Artes, Literatura, Geografia, História, Matemática, Língua Portuguesa e Ciências. Para a professora, essa integração foi fundamental. “Quando o aluno percebe que o tema está presente em diferentes áreas, ele entende que não é algo isolado, faz parte da vida”, afirma.

UM PERCURSO QUE ATRAVESSA O ANO

O trabalho começou com a apresentação de um alfabeto composto por personalidades negras e indígenas, ampliando referências logo no início do ano letivo. A proposta abriu espaço para novas descobertas e diálogos. No mês dedicado aos povos originários, os estudantes pesquisaram costumes, brincadeiras, culinária e saberes tradicionais. Em outro momento, voltaram o olhar para mulheres negras e indígenas que marcaram a história, ampliando o repertório sobre representatividade.

Também investigaram manifestações culturais desses povos, atribuindo novos significados às celebrações escolares. Já nas discussões sobre *bullying* e racismo, refletiram sobre diferenças e semelhanças entre essas práticas, a partir da leitura do livro “E se fosse você?”. Já sobre a questão da Consciência Negra, o projeto ganhou ainda mais visibilidade. “A ideia foi mostrar que consciência não é algo para um único dia, mas para o ano todo”, ressalta a professora. O mural construído pelos alunos reuniu elementos como capoeira, turbantes, tranças, música e a história de Zumbi, conectando cultura e identidade.





Foto por Djavan Rodriguez via Getty Images - 1384885001

QUANDO A ESCOLA SE ABRE PARA A COMUNIDADE

A culminância do projeto aconteceu em diferentes momentos, ampliando o diálogo com a comunidade escolar. De acordo com Ariadne, cada etapa foi pensada para valorizar o protagonismo dos estudantes. Durante o evento *Escola Aberta*, os alunos apresentaram um livro coletivo produzido por eles. Cada um assumiu o papel de protagonista de sua própria história e realizou a leitura caracterizado. A atividade contou com a presença da autora Cláudia Gomes Cruz, inspiração para o trabalho desenvolvido.

Outro momento marcante foi a oficina de turbantes, conduzida por uma professora convidada da rede municipal. A atividade trouxe não apenas a prática, mas também reflexões sobre identidade e significado cultural. O projeto incluiu ainda uma aula-passeio pelo Circuito Pequena África, organizada pelo Instituto Pretos Novos. Para muitos estudantes, foi a oportunidade de conhecer de perto espaços históricos e compreender, de forma concreta, parte da história afro-brasileira.

VOZES QUE REVELAM O IMPACTO

Os relatos dos alunos ajudam a traduzir o alcance do projeto. “Eu estou amando, estou muito feliz, muito alegre em participar de tudo isso, estou realizando um sonho!”, conta a estudante Maria Flor Moreira Cici-riello da Rocha. Já Jorge Davi Jordão Prata declarou seu amor a sua história. “Eu amei, estou muito feliz e me faz pensar nos meus antepassados!”, afirma o aluno.

A experiência também mobilizou as famílias. “Crianças, aproveitem bastante essa aula passeio. Quem me dera, no meu tempo, ter essa oportunidade de aprender assim sobre os povos escravizados”, destacou a responsável Angélica Vaz Ramos. Outros estudantes reforçam o impacto da vivência. “Eu gostei muito, foi legal, foi maneiro e aprendi mais sobre a cultura africana”, relata Davi Miguel Ferreira Vouga. Já Mil-lena Garcia Ferraz resume o aprendizado com clareza. “Não precisa ter racismo. Somos todos iguais. O que muda é a cor da pele e o cabelo”.

APRENDER COM AS PRÓPRIAS RAÍZES

Os resultados do projeto aparecem na forma como os estudantes passam a se perceber e a perceber o outro. Ao conhecer a própria história, eles se reconhecem como parte dela. Para Ariadne, esse é o principal ganho. “Quando o aluno entende suas raízes, ele passa a valorizar sua identidade e a respeitar as diferenças”, afirma.

Em um contexto em que a educação é desafiada a ser mais inclusiva e representativa, iniciativas como essa mostram que o caminho passa pelo reconhecimento das origens. Valorizar as culturas é ampliar repertórios, fortalecer identidades e construir uma educação mais consciente.

Escola Municipal Alagoas

Av. Dom Helder Câmara, 6.742 – Pila-
res – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 20751-002

Responsável: Ariadne Nunes Mon-
teiro Lima

E-mail: emalagoas@rioeduca.net

Tel.: (21) 2592-0864

Diretora: Daniele Borges

Fotos cedidas pela professora Ariad-
ne Nunes Monteiro Lima

O STREAMING COMO PONTE PARA O CONHECIMENTO

CONEXÃO EDUCAR

Filmes podem ir além do entretenimento e se transformar em experiências pedagógicas potentes. Veja como integrar o streaming às suas aulas!



Foto por blackCAT via Gettyimages #1255926097

Na editoria **Conexão Educar** deste mês, o convite é simples: olhar para o streaming com intencionalidade. Em meio a tantas histórias disponíveis, há narrativas que despertam emoções, levantam questões relevantes e dialogam diretamente com o universo dos estudantes. Quando

bem mediadas, essas produções se tornam aliadas valiosas para promover debates, ampliar repertórios e tornar o aprendizado mais significativo. A proposta é transformar o “dar play” em uma oportunidade de conexão entre conteúdo, realidade e reflexão, porque ensinar também é saber escolher boas histórias para contar, assistir e problematizar. Confira as dicas do mês!

Imagem de divulgação oficial via TMDb.



Como Estrelas na Terra: conta a história de um menino com dislexia que enfrenta dificuldades na escola. Sua vida muda com a chegada de um professor sensível, que identifica seu potencial e o ajuda a aprender de forma diferente. A história destaca a importância da empatia, da inclusão e de olhar cada aluno de forma individual. O conteúdo pode ser trabalhado como tema transversal ou nas disciplinas de Língua Portuguesa, Sociologia, Filosofia e Artes.

Imagem de divulgação oficial via TMDb.



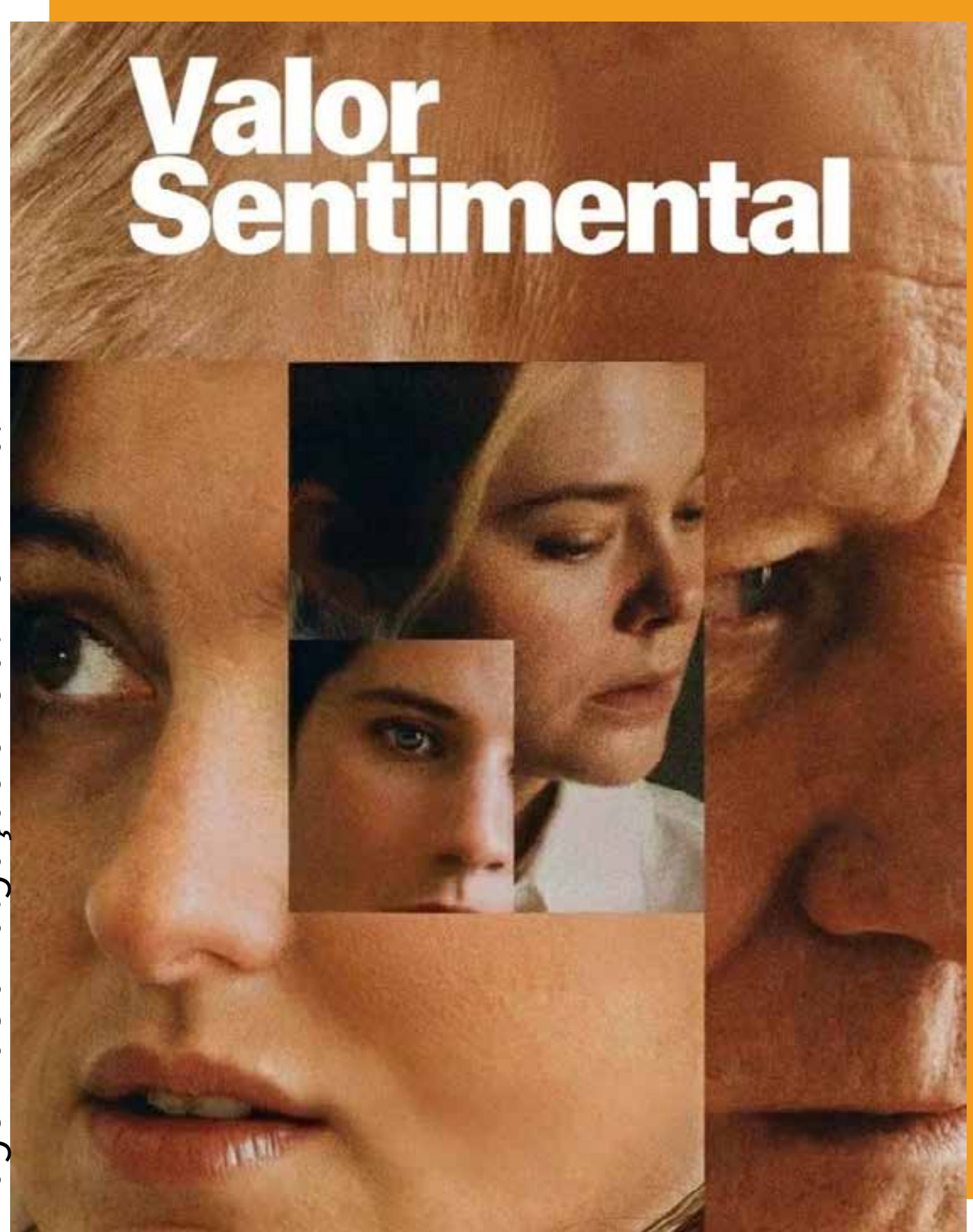
Avatar: Fogo e Cinzas: após a devastadora guerra contra a RDA e a perda do seu filho mais velho, Jake Sully e Neytiri devem enfrentar uma nova ameaça: o Povo das Cinzas, uma nova e agressiva tribo Na'vi, conhecida por sua violência extrema e sede de poder. O misterioso clã é composto por guerreiros que controlam o fogo e cuja lealdade pode desequilibrar o destino do planeta. O conteúdo pode ser trabalhado como meio ambiente, exploração de recursos naturais, conflitos culturais e colonialismo, em Geografia, Biologia e na redação.



F1: o Filme: Sonny Hayes foi o fenômeno mais promissor da Fórmula 1 da década de 1990, até um acidente na pista. Trinta anos depois, seu ex-companheiro de equipe, Ruben Cervantes, o convence a voltar e pilotar ao lado do estreante Joshua Pearce e assim ter sua última tentativa de ser o melhor do mundo. O passado de Sonny o persegue e ele descobre que não se pode trilhar o caminho para a redenção sozinho. O conteúdo pode ser trabalhado como superação, ética, trabalho em equipe e pressão psicológica, temas ligados à Educação Física, Filosofia e competências socioemocionais.



Sonhos de Trem: um lenhador leva uma vida tranquila enquanto lida com o amor e a perda em uma época de profundas mudanças nos Estados Unidos do começo do século XX. O conteúdo pode ser trabalhado como transformações sociais, trabalho e modos de vida no início do século XX, dialogando com História, Geografia e leitura histórica contextualizada.

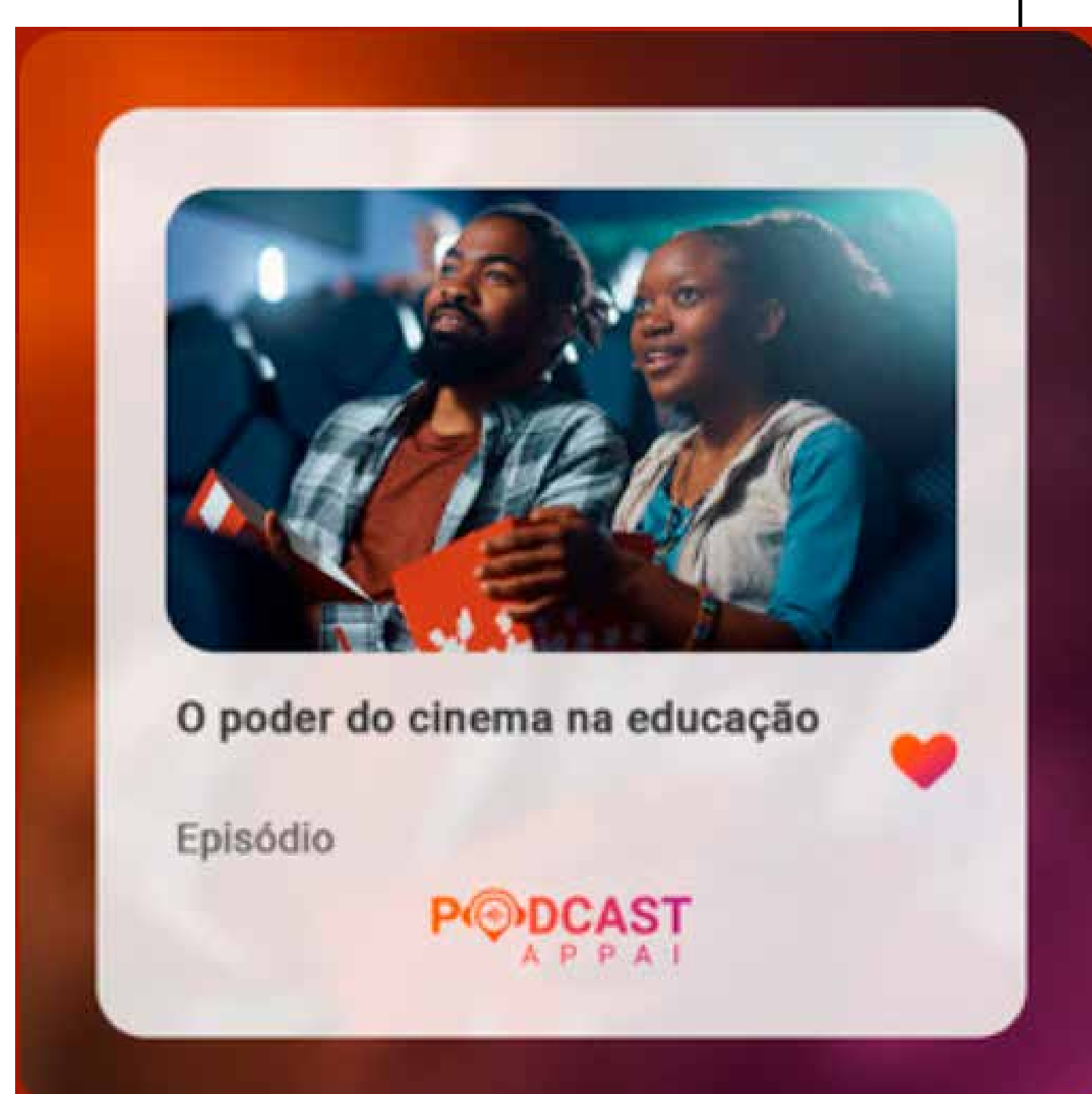


Valor Sentimental: irmãs reencontram seu pai distante, um diretor renomado que oferece a Nora um papel naquele que espera ser seu filme de retorno. Quando Nora recusa a proposta, descobre que ele deu o papel a uma jovem estrela de Hollywood, ambiciosa e entusiasmada. De repente, as duas irmãs precisam lidar com a complicada relação com o pai e com a presença inesperada de uma atriz americana inserida bem no meio das complexas dinâmicas familiares. O conteúdo pode

ser trabalhado como relações familiares, identidade, frustrações e o papel da arte, conectando-se a Filosofia, Sociologia e Linguagens.

Importante: as indicações são voltadas para turmas dos ensinos Fundamental II e Médio. Não deixe de observar a classificação indicativa de cada produção.

OUÇA TAMBÉM O PODCAST “O PODER DO CINEMA NA EDUCAÇÃO”



Neste episódio, além de sugestões de filmes, especialistas contextualizam e evidenciam por que o audiovisual é uma ferramenta tão poderosa para o aprendizado. Aperte o *play* e seja uma inspiração em suas aulas!

Para ouvir em outras plataformas de *streaming*, [acesse aqui](#).

CURTIU, PROFESSOR?

Se você tem alguma dica que adoraria ver aqui, não deixe de enviar pra gente pelo e-mail redacao@appai.org.br. Vamos adorar compartilhar as suas sugestões!

Fonte: Paulo Rogerio Rodrigues é coordenador pedagógico da Escola Bilíngue Aubrick. Profissional com larga trajetória na educação básica com foco na gestão pedagógica e educacional desde a Educação Infantil até os anos finais do Ensino Fundamental II, com MBA em Gestão Escolar e especialização em Educação Antirracista, Bilinguismo e Neuropsicologia.

A JOVEM TARTARUGA MARINHA CHAMADA VOVÓ

Pesca e poluição ameaçam a espécie

COLUNA SOCIOAMBIENTAL • POR LUIZ ANDRÉ FERREIRA*

Embora possa viver até oito décadas, a conhecida como Tartaruga Vovó tem apenas 37 anos. Isso porque ela é a mais antiga a ser monitorada constantemente. Trata-se do mais longo acompanhamento de uma espécie já documentado no Brasil.

Esse tipo de animal marinho tem por característica colocar seus ovos sempre no mesmo lugar. No caso da Vovó, no litoral norte do Espírito Santo, em área de atuação do Projeto Tamar do Instituto Chico Mendes.

“Esse registro histórico reforça a importância das políticas públicas que vêm sendo implementadas há mais de 40 anos. O trabalho árduo rende frutos quando é contínuo”, afirma o coordenador do Centro Tamar/ICM-Bio, João Carlos Alciati Thomé.

Conhecendo a Vovó

Ela é da espécie cabeçuda. Foi marcada pela primeira vez em 1988. O caso ocorreu dentro do contexto da temporada de desova no Brasil, que se inicia em setembro e se estende até março ou abril, dependendo da espécie e da região.

As ações de conservação das tartarugas marinhas no Brasil começaram no fim da década de 1970.

“Quando pensamos que as ações para conservar as cinco espécies de tartarugas marinhas começaram em 1979, é gratificante vermos esses resultados. Ou seja, dia após dia, equipes fazem a diferença em campo, em análises técnicas qualificadas e com o apoio das comunidades costeiras, visando mudar o cenário de pressão sobre esses indivíduos”, celebra Thomé.

Desafios e avanços

A poluição por resíduos sólidos, especialmente plásticos, é um dos principais problemas, já que os animais confundem o material com alimento. A pesca incidental também segue como um desafio, embora iniciativas como o uso do Dispositivo Exclutor de Tartarugas (TED) tenham contribuído para reduzir os impactos e evitar a captura acidental.



*Luiz André Ferreira é professor universitário, jornalista, podcaster, Mestre em Bens Culturais e em Projetos Socioambientais.

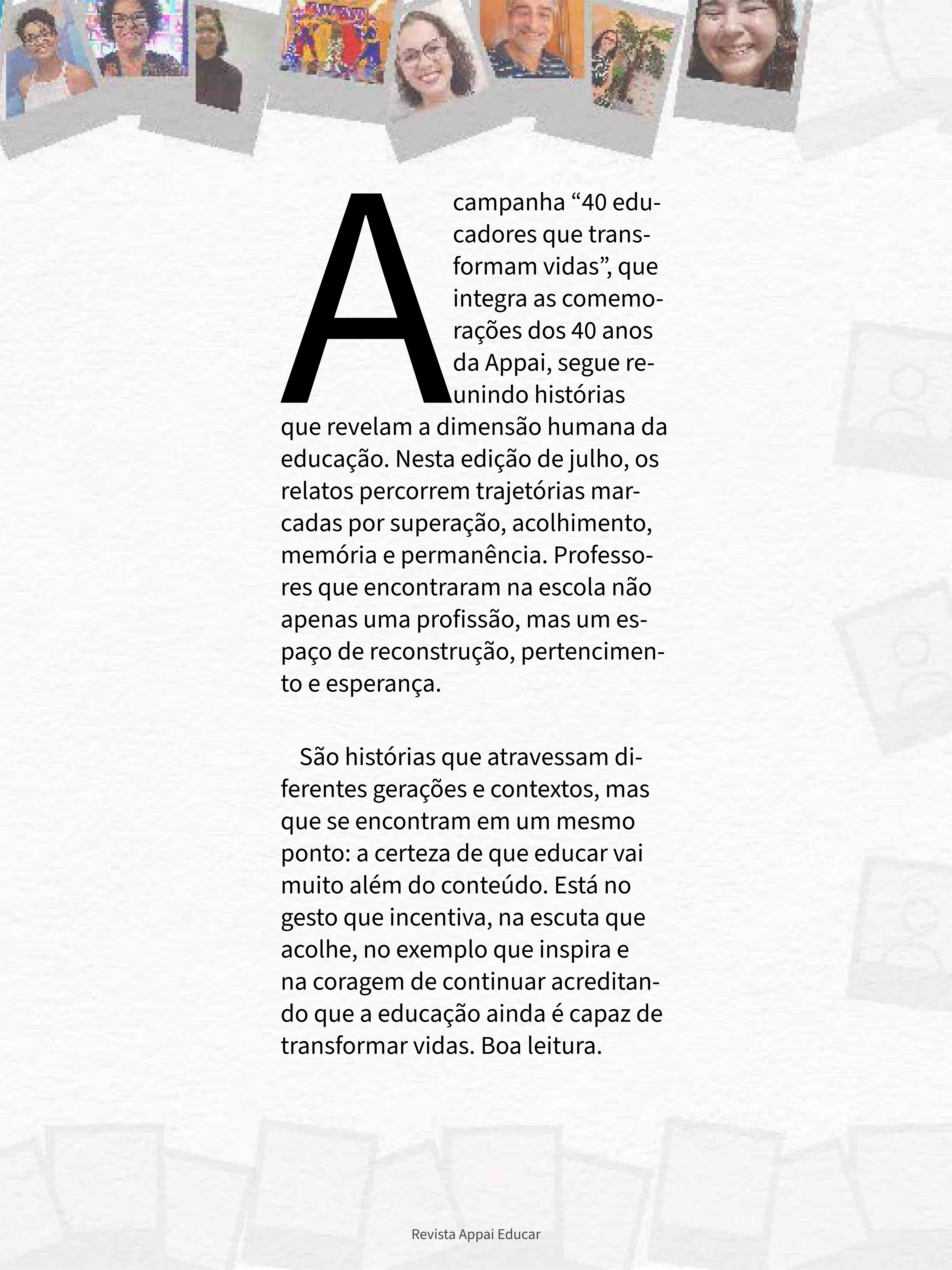


HISTÓRIAS QUE CONTINUAM INSPIRANDO

ESPECIAL - “40 EDUCADORES QUE TRANSFORMAM VIDAS” • POR ANTÔNIA FIGUEIREDO

Relatos de educadores que mostram como a transformação nasce da persistência, do afeto e da coragem de recomeçar





A campanha “40 educadores que transformam vidas”, que integra as comemorações dos 40 anos da Appai, segue reunindo histórias que revelam a dimensão humana da educação. Nesta edição de julho, os relatos percorrem trajetórias marcadas por superação, acolhimento, memória e permanência. Professores que encontraram na escola não apenas uma profissão, mas um espaço de reconstrução, pertencimento e esperança.

São histórias que atravessam diferentes gerações e contextos, mas que se encontram em um mesmo ponto: a certeza de que educar vai muito além do conteúdo. Está no gesto que incentiva, na escuta que acolhe, no exemplo que inspira e na coragem de continuar acreditando que a educação ainda é capaz de transformar vidas. Boa leitura.



O DIA EM QUE A FADA MUDOU A HISTÓRIA

A professora que transformou representatividade em inspiração

Alessandra de Souza Rangel carrega na memória uma cena simples, mas decisiva. Ainda estudante, participou de um evento na escola e recebeu uma atribuição que mudaria sua forma de enxergar a si mesma.

“Uma professora me deu o papel de fada em uma apresentação escolar. Pode parecer simples, mas, para mim, menina negra, ocupar o papel principal, um lugar que quase nunca era destinado a crianças como eu, mudou tudo”. Naquele instante, pela primeira vez, percebeu que também podia ocupar espaços de mais relevância. “Senti que eu podia ser protagonista da minha própria história”.

Anos depois, essa experiência se transformou em propósito. Alessandra tornou-se docente de História levando para a sala de aula o desejo de fazer outros jovens se reconhecerem em suas próprias trajetórias. “Tornei-me professora com o desejo de oferecer aos meus alunos esse mesmo sentimento de pertencimento”.

Ao longo da caminhada na educação, viveu experiências que ultrapassaram o conteúdo curricular. Entre elas, momentos delicados em que a escuta e o acolhimento se tornaram essenciais. “Já acompanhei jovens em situações muito difíceis, inclusive ajudando a impedir que um aluno desistisse da própria vida”.

Mas também testemunhou mudanças profundas dentro da sala de aula. Estudantes que rejeitavam a disciplina passaram a enxergar nela um espaço de identidade, reflexão e possibilidade. “Vi alunos que diziam odiar História passarem a se reconhecer nas aulas e a acreditar em si mesmos”.

Um desses encontros retornou de forma inesperada anos depois. Já na universidade, um ex-aluno procurou Alessandra para entregar livros e um bilhete de agradecimento. “Ele escreveu contando o quanto eu o inspirei e dizendo que queria me ver na universidade formando outros estudantes”. O gesto marcou a professora e abriu um novo caminho em sua própria trajetória acadêmica. “Aquele momento me impulsionou a dar mais um passo: ingressei no mestrado”.

Hoje, Alessandra compreende a educação como um movimento contínuo de encontros e permanências. “Fui inspirada, inspirei e sigo transformando vidas todos os dias”. Porque, para ela, educar é justamente isso, criar ciclos de inspiração que continuam ecoando muito além da escola.



MEUS OLHOS AINDA BRILHAM

A professora que fez da escuta um convite para aprender

Rosimary da Silva Alves dos Reis é professora e coordenadora pedagógica em Nova Iguaçu. Atuou na Escola Estadual João do Vale e, atualmente, integra o Colégio Estadual Dom Adriano Hipólito. São 44 anos dedicados à Educação, atravessando diferentes etapas do ensino, dos Anos Iniciais ao Ensino Médio, sempre movida pela mesma convicção: ensinar é ampliar horizontes.

“Minha missão sempre foi transformar a sala de aula em um espaço de aprendizagem significativa, que valorize a identidade dos alunos e desperte neles o desejo de aprender”. Foi justamente essa percepção que passou a orientar sua prática pedagógica. Na Escola Estadual João do Vale, Rosimary observava alunos desmotivados e pouco conectados com a própria aprendizagem.

“Percebia que muitos estudantes não se reconheciam como protagonistas do próprio aprendizado. Era preciso reacender o interesse e fortalecer o vínculo entre escola e comunidade”. E foi a partir dessa necessidade que nasceram os projetos desenvolvidos pela professora. A leitura, a escrita e as práticas colaborativas passaram a ocupar o centro das atividades, estimulando os estudantes a produzir suas próprias narrativas e compartilhar experiências.

“Busquei criar estratégias que aproximassem os alunos da escola e deles mesmos”. Como coordenadora pedagógica, também passou a investir na formação continuada dos professores, incentivando metodologias ativas e o uso de recursos inovadores em sala de aula. “As formações continuadas oferecidas pela Appai, especialmente as on-line, foram fundamentais para a assertividade das ações realizadas”.

Os reflexos apareceram no cotidiano escolar. Os jovens passaram a participar mais das atividades, desenvolveram autonomia e fortaleceram competências socioemocionais. Aos poucos, a escola se consolidou como um espaço de pertencimento e valorização da educação. “Desde o início, procurei romper os muros da escola, ampliando a visão de mundo dos meus alunos e abrindo um leque de possibilidades”.

Hoje, atuando com estudantes do Ensino Médio, Rosimary afirma carregar a mesma motivação dos primeiros anos no magistério. “Trago comigo toda essa bagagem e o mesmo brilho nos olhos de quando comecei”. E é essa permanência do encantamento que sustenta sua missão como educadora. “Educar é semear possibilidades e acreditar que cada aluno pode florescer e transformar o mundo”.



FLORES QUE NASCERAM DA TRANSFORMAÇÃO

A professora que fez da reciclagem um aprendizado para a vida

Durante 25 anos, a professora Florinda Paulino Ladeira Lopes atuou em uma área rural do município de Japeri, em uma pequena localidade chamada Santo Antônio. Em um cenário de poucos recursos materiais, encontrou justamente na realidade ao redor a matéria-prima para ensinar, criar e transformar. “Era um lugar com poucos recursos, porém rico em possibilidades para desenvolver atividades de enriquecimento no crescimento dos educandos e dos educadores”. Foi desse olhar sensível para o cotidiano que nasceu o projeto *Flor Artes Reciclando Atitudes*, desenvolvido de forma multidisciplinar e conectado às experiências vividas pelos próprios alunos.

“Trabalhávamos agregando experiências do dia a dia, sempre com o objetivo de avançarmos e crescermos, mesmo diante das dificuldades apresentadas”. A reciclagem deixou de ser apenas tema ambiental e passou a representar também mudança de comportamento, consciência coletiva e valorização do que muitas vezes parecia não ter importância.

“Aprendíamos juntos que transformar materiais também podia transformar atitudes”. Ao longo dos anos, o projeto fortaleceu vínculos, despertou criatividade e mostrou aos estudantes que o aprendizado pode nascer justamente dos contextos mais simples. Hoje aposentada, a professora olha para a própria trajetória com a certeza de missão cumprida: “Hoje estou aposentada, porém realizada”.



ONDE A ESCOLA VIRA LAR

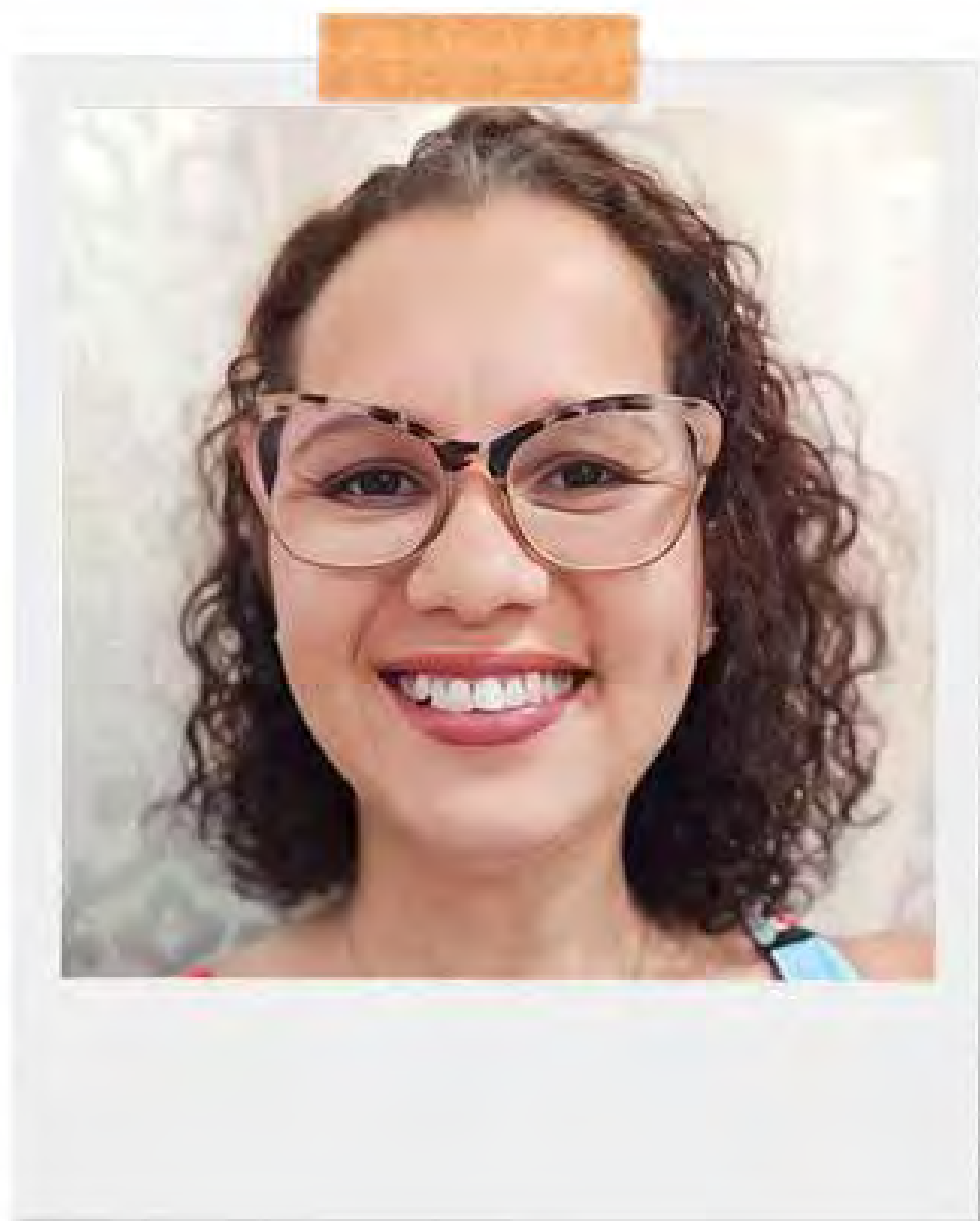
A professora que fez da permanência um gesto de transformação

“Desde 2004, a Escola Municipal Professora Maria Felisberta Baptista da Trindade é meu lar, onde cada dia é uma jornada de amor e aprendizado”, pontua com orgulho a docente Alessandra dos Santos Prates. Ao longo dos anos, ela atuou em diferentes funções, convivendo de perto com estudantes, famílias e outros educadores. E foi nesse cotidiano que consolidou uma prática guiada pelo compromisso com a transformação social.

“Com estudantes e famílias, construí vínculos que me transformaram. Atuei em muitos papéis, sempre com o mesmo sonho: educação como transformação social”. Na gestão escolar, participou de mudanças importantes para a comunidade, ampliando oportunidades para as crianças atendidas pela unidade.

“Minhas mãos ajudaram a mudar o nome da escola e a trazer o tempo integral para nossas crianças”. Mas sua atuação foi além da organização pedagógica. A professora também encontrou na arte, na consciência ambiental e nas discussões antirracistas caminhos para fortalecer a formação dos alunos. “Dancei com as crianças no Mais Educação e plantei sementes de consciência ambiental e antirracista”.

O interesse por inovação e tecnologia abriu novas possibilidades dentro da escola. Inspirada pelo mestrado em tecnologias, criou o projeto *Felisberta Digital*, aproximando educação e inovação no cotidiano escolar. “O mestrado em tecnologias me inspirou a criar um site de inovação”. Hoje, olhando para a própria trajetória, ela reconhece que cada experiência reforçou a mesma convicção. “Cada passo foi guiado pela crença de que, juntos, podemos mudar o mundo”.



MEMÓRIAS QUE CONTINUAM ENSINANDO

A professora que encontrou na própria trajetória a inspiração para educar

Jovânia Henriques Guimarães da Silva carrega na memória as marcas de uma infância simples vivida em Itaocara, no interior fluminense. Hoje moradora de São Gonçalo e professora da Educação Infantil em Niterói, reconhece que sua relação com a escola começou muito antes da escolha pela profissão. “Para mim, estar na sala de aula significava pertencimento”.

Criada pelos avós maternos ao lado do irmão, viveu uma infância marcada por dificuldades financeiras e pelo esforço constante da mãe para garantir dignidade aos filhos. “Minha mãe lavava roupas, fazia faxinas e cuidava de quintais para que não nos faltasse o básico”.

Foi aos cinco anos, ao ingressar no jardim de infância, que nasceu o encantamento pela escola. O ambiente escolar passou a representar acolhimento, descoberta e afeto. “Tenho lembranças muito vivas das histórias contadas, das músicas cantadas, dos amigos, da professora e até das filas para o refeitório”.

Entre tantas figuras importantes, uma professora marcou definitivamente sua trajetória. “Alba Bucker, minha alfabetizadora, foi decisiva para que eu comesse a desejar ser professora”. Mais do que ensinar letras e sílabas, a educadora oferecia escuta, sensibilidade e cuidado, experiências que Jovânia levaria para sua própria prática docente anos depois. “Ela me ensinou que educar também é acolher”, afirma.

Em 1993, concluiu simultaneamente a Formação de Professores e o curso Técnico em Contabilidade. Prestes a iniciar a carreira docente em Itaocara, precisou deixar a cidade por questões familiares e recomeçar a vida na capital. Durante 18 anos, trabalhou em uma rede de

drogarias. Mesmo longe da escola, permaneceu ligada aos processos de formação e aprendizagem. “Foi nesse período que percebi que a educação acontece em muitos espaços”.

Depois de ser desligada da empresa, decidiu retomar o antigo sonho. Prestou concursos, ingressou no curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro por meio do Cederj e voltou à sala de aula, inicialmente na educação especial. “Eu sentia medo, porque minha formação docente tinha acontecido 25 anos antes. Mas também sentia que era hora de voltar”.

A caminhada seguiu entre estudos, novas experiências e descobertas na Educação Infantil, área em que encontrou identificação profunda. “Continuo construindo e desconstruindo quando necessário, sendo afetada e também afetando as pessoas que encontro no caminho”. Hoje, olhando para trás, Jovânia entende que cada etapa da sua história ajudou a construir a educadora que se tornou. E é justamente por isso que suas memórias continuam ensinando.



UM SONHO QUE RESISTIU AO TEMPO

A professora que não desistiu da educação, mesmo diante das dificuldades

Jaqueline Moreira sonhava em ser professora desde a infância. Como tantas meninas, transformava bonecas e pelúcias em alunos durante as brincadeiras. Mas o caminho até a sala de aula foi atravessado por obstáculos que quase interromperam esse sonho. “Meu pai me proibiu de estudar aos 14 anos, depois que concluí a antiga oitava série”.

Homem simples e rígido, o pai acreditava estar protegendo a filha. Jaqueline passou um ano longe da escola, sem saber como retomaria os estudos. “Eu chorava e, em oração, pedia direção a Deus para realizar meu sonho sem criar um problema com meu pai”.

A resposta veio de forma inesperada. Em um ônibus, encontrou alguém que estudava no período da tarde no Colégio Estadual Arruda Negreiros, em Nova Iguaçu. A descoberta mudou tudo. “A alegria invadiu meu coração”, lembra.

O pai autorizou a matrícula e acompanhou a filha até a escola. Daquele momento em diante, começaram anos de esforço, trabalho e persistência. Jaqueline conciliou os estudos com o trabalho em casa de família e o estágio até concluir sua formação. “Perdi um ano, mas ganhei um admirador. Quando me for-

mei, ele achou que eu era doutora. Foram muitas dificuldades enfrentadas, pois não tinha recursos. Trabalhava em casa de família, conciliando com os estudos e estágio. Lá se vão 38 anos. Claro que fiz minha graduação em Letras e Teologia”.

Hoje aposentada da rede municipal, segue atuando na rede estadual, no Colégio Professor Amazor Vieira Borges, também em Nova Iguaçu. Ao olhar para trás, reconhece na própria trajetória a força transformadora da educação. “Ainda acredito que a educação muda vidas, assim como mudou a minha”.



O FRIO NA ESPINHA AINDA CONTINUA

O professor que encontrou na educação a oportunidade de recomeçar

João Gilberto da Silva guarda lembranças intensas da própria relação com a escola. A primeira delas, ainda aos seis anos, não foi das mais acolhedoras. “Lembro do portão fechando e minha mãe desaparecendo atrás dele”.

Mas foi também na escola que descobriu experiências que ampliariam seu mundo. Ainda adolescente, experimentou pela primeira vez um simples iogurte de morango, memória que permanece viva até hoje. “Menino pobre, a escola me apresentava as grandes novidades do mundo”.

Depois do Ensino Médio, a vida seguiu entre trabalhos braçais e biscates. Estudar e trabalhar era a única possibilidade. Mesmo assim, conseguiu ingressar em uma universidade federal. “Para surpresa de alguns”, relembra.

A caminhada, no entanto, esteve longe de ser linear. Viveu perdas financeiras profundas durante o Plano Collor, viu a empresa falir e precisou reconstruir a própria vida profissional. “Foi quando surgiu a oportunidade de ingressar no magistério”.

Entre muitas escolas, disciplinas e jornadas, concluiu pós-graduações, mestrado e doutorado. Mais tarde, ingressou no magistério federal, tornou-se diretor de *campus* e chegou à pró-reitoria de desenvolvimento institucional. “Eu vi de tudo: pandemia, lutas políticas, o lado bom e o ruim do serviço público”. Mas foi na sala de aula que decidiu permanecer.

“Em 2022 voltei para o meu *campus*, à minha origem. “Hoje, aos 65 anos, João Gilberto segue fazendo planos e reconhece na educação a base de tudo o que construiu. “Tudo o que tenho devo à educação. E mesmo depois de tantos caminhos percorridos, uma sensação continua intacta. Ainda sinto o frio na espinha do primeiro dia que pisei numa sala de aula”.



AMOR QUE PERMANECEU NA SALA DE AULA

A professora que fez da superação uma forma de acolher e ensinar

Genaína Vieira Teixeira tem 45 anos, é professora da Educação Infantil na rede municipal de Itaboraí e carrega na própria trajetória marcas profundas de superação. Há 20 anos na educação pública, encontrou na sala de aula um espaço de reconstrução, afeto e propósito.

“Minha vida é alinhavada por superação”, diz. Mãe de Luiz Izaías, hoje com 24 anos, Genaína relembra a importância da mãe e da avó, Dona Iracy, em sua caminhada pessoal e profissional. “Minha mãe e minha avó foram minhas grandes incentivadoras”.

Atualmente trabalhando também na educação inclusiva, viveu, no último ano, uma experiência que reforçou ainda mais sua escolha pela docência. Foi professora de uma criança neurodivergente de apenas quatro anos. “Tive o privilégio de ser professora do Davi”.

Mais do que acompanhar o desenvolvimento do aluno, a experiência ampliou sua compreensão sobre escuta, sensibilidade e acolhimento dentro da Educação Infantil. “Eu amo o que faço e faço o que amo”. E é justamente nessa relação entre conhecimento, afeto e transformação que Genaína sustenta sua prática pedagógica. “Conhecimento gera consciência e consciência gera transformação”.

PORTAL CONSURDO

INCLUSÃO • POR ANTÔNIA FIGUEIREDO

*Informação acessível
como caminho para
fortalecer a educação
bilíngue de surdos*



A inclusão já não é mais um tema novo no campo da educação, mas o modo como ela acontece ainda exige reflexão constante. Mais do que discutir sua importância, o desafio agora é olhar para a prática. Como essa inclusão tem sido construída no cotidiano das escolas? Ela tem, de fato, atendido às necessidades das pessoas com deficiência, de suas famílias e da comunidade escolar? Mais do que respostas rápidas, essa é uma questão que exige caminhos concretos.

É nesse contexto que surge o [Projeto Portal Consurdo](#), uma iniciativa que nasce da pesquisa acadêmica e se transforma em ferramenta prática para a educação pública. Idealizado por Luciana Gonçalves Rangel Maneschky, o projeto foi desenvolvido como resultado de seu mestrado e ganhou forma como uma plataforma digital responsiva, voltada à educação de pessoas surdas.

Funcionando como um arquivo digital, o portal reúne informações legais e técnicas administrativas, com o objetivo de ampliar o acesso à informação e reduzir a distância entre teoria e prática na educação de surdos no município de Nova Iguaçu.

QUANDO A INFORMAÇÃO TAMBÉM É INCLUSÃO

A proposta parte de um princípio simples, mas potente, revela Luciana. “Não há inclusão sem acesso à informação de qualidade. O portal funciona como um arquivo digital responsivo, reunindo conteúdos legais, orientações pedagógicas e dados administrativos relacionados à educação de surdos. Tudo organizado de forma acessível, tanto em Língua Portuguesa quanto em Libras, ampliando o alcance para diferentes públicos”, explica.

Nesse sentido, o projeto contribui diretamente para reduzir a distância entre o que está previsto nas políticas públicas e o que, de fato, chega às escolas. Ao centralizar legislações, serviços disponíveis, como Atendimento Educacional Especializado (AEE) e intérpretes de Libras, além de orientações atualizadas, o Consurdo se torna ferramenta de apoio para gestores, professores, estudantes e famílias.

UMA PONTE ENTRE TEORIA E PRÁTICA

De acordo com Luciana, o desenvolvimento do portal integrou pesquisa acadêmica, inovação tecnológica e compromisso social. “A construção começou com um amplo levantamento de dados, incluindo o mapeamento de estudantes surdos na rede municipal, a identificação dos serviços disponíveis e a organização da legislação nas esferas municipal, estadual e federal”, explica a professora.

A partir dessa base, o projeto avançou para a produção de conteúdo bilíngue, com textos acessíveis e vídeos em Libras, garantindo que a informação não apenas existisse, mas fosse, de fato, compreendida.

A estrutura da plataforma também foi pensada com intencionalidade. “As abas temáticas organizam os conteúdos e facilitam a navegação, enquanto os testes de usabilidade buscaram assegurar que diferentes públicos consigam acessar as informações com autonomia”, revela.

EDUCAÇÃO BILÍNGUE COMO DIREITO

O Consurdo dialoga diretamente com um dos grandes desafios da educação contemporânea, que é a efetivação da educação bilíngue para surdos. Mais do que reforçar conceitos, o projeto surge da necessidade de tornar esse debate mais concreto no cotidiano das redes de ensino.

“Ao socializar informações sobre políticas linguísticas e educacionais, o projeto fortalece o entendimento de que a Libras não é apenas um recurso, mas uma língua e, como tal, precisa ser reconhecida, valorizada e garantida nos espaços educativos”, afirma Luciana.

A professora destaca que, ao mesmo tempo, a iniciativa contribui para que gestores e professores tomem decisões mais informadas, a partir de dados organizados e acessíveis. “Nesse movimento, a informação deixa de ser dispersa e passa a ser instrumento de transformação”, completa.

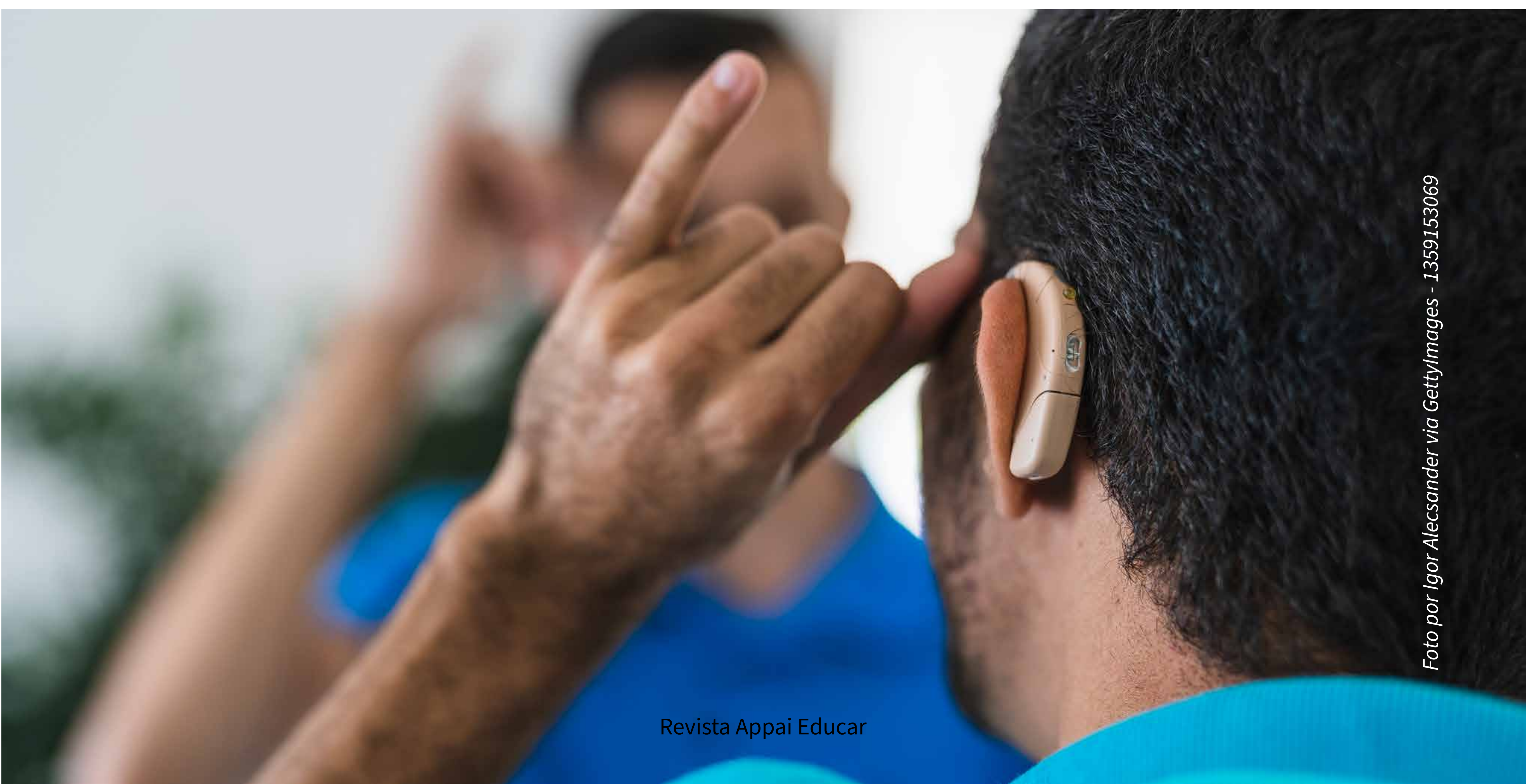


Foto por Igor Alexander via GettyImages - 1359153069



IMPACTOS QUE ULTRAPASSAM A TELA

Embora não tenha sido desenvolvido para uma turma específica, o alcance do portal se estende por toda a rede municipal de Nova Iguaçu. Seu impacto é indireto, mas profundo. Ao subsidiar práticas pedagógicas, orientar gestores e aproximar a comunidade escolar das políticas públicas, o Consurdo fortalece a educação bilíngue em diferentes níveis.

“Entre os resultados já observados, destacam-se a ampliação do acesso à informação em Libras e Língua Portuguesa, o apoio à prática docente e o fortalecimento da articulação entre escola, famílias e comunidade surda. Além disso, o projeto conquistou visibilidade acadêmica, sendo apresentado em congressos e seminários, e institucional, ao ser compartilhado com a Secretaria Municipal de Educação”, celebra Luciana.

QUANDO A PESQUISA CHEGA À ESCOLA

A trajetória do Consurdo evidencia um caminho que a educação brasileira conhece bem, mas ainda precisa ampliar, que é o diálogo entre universidade e escola. Ao transformar uma dissertação de mestrado em ferramenta concreta para a rede pública, o projeto reafirma o papel da pesquisa como aliada da prática. “Não se trata apenas de produzir conhecimento, mas de colocá-lo em circulação, em linguagem acessível e com impacto real na vida das pessoas”, aponta

MAIS DO QUE TECNOLOGIA, COMPROMISSO

Em um cenário em que se fala tanto em inovação, o Portal Consurdo lembra que inovar nem sempre é criar algo inédito; muitas vezes, é organizar, dar sentido e garantir acesso ao que já existe. Ao fortalecer a circulação de informações, valorizar a Libras e apoiar a efetivação de políticas públicas, o projeto contribui para uma educação mais justa, mais acessível e mais conectada com as necessidades reais da comunidade surda. Porque, no fim, inclusão não começa na tecnologia. Começa no direito de compreender e de ser compreendido.

Escola Municipal Marcílio Dias

Rua Pintassilgo, s/nº – Santa Rita – Nova Iguaçu/RJ

CEP: 26051-170

Projeto desenvolvido para atender a rede municipal de ensino de Nova Iguaçu

Responsável: Luciana Gonçalves Rangel Maneschy

Tel.: (21) 98369-2468

E-mail: lucianarangel07@gmail.com

Fotos cedidas pela professora Luciana Gonçalves Rangel Maneschy

COORDENADAS X SUBORDINADAS

LÍNGUA PORTUGUESA • POR SANDRO GOMES*



Uma questão que deixa alguns em dúvida é na hora de reconhecer os tipos de oração quanto ao aspecto sintático, ou seja, se as orações são coordenadas ou subordinadas. Nessa edição, a coluna vai explicar como diferenciar os dois casos e também vai trazer exemplos das muitas variações desse assunto.

Como saber se são Coordenadas ou Subordinadas?

A principal diferença entre as duas está relacionada ao aspecto sintático. No caso das coordenadas não há uma relação sintática entre as orações, de forma que duas delas con-

jugadas num mesmo período poderiam funcionar de maneira autônoma, uma relação à outra. Veja um exemplo.

*Jorge trabalha muito, **mas** não consegue guardar dinheiro.*

Note a existência da conjunção “mas” ligando as duas orações. Porém, se empregarmos as duas separadamente, a compreensão do sentido não seria muito alterada. Observe.

Jorge trabalha muito. Não consegue guardar dinheiro.

Já com relação às orações subordinadas, vamos perceber a dependência que uma delas dentro do período vai manter em relação à outra. Vamos ver mais um exemplo.

Embora não ache certo, vou abrir uma exceção.

Note que a frase “Embora não ache certo” não teria sentido se não estivesse vinculada à oração “vou abrir uma exceção”, revelando a sua situação de subordinação. Já esta última, que pode ser entendida de forma autônoma, é classificada como oração principal.

Explicada essa diferença primordial, vamos conhecer os principais tipos de oração coordenada e subordinada?

Orações Coordenadas

Elas são classificadas de acordo com o sentido em que elas atuam representado pelas conjunções que introduzem as orações. São elas:

- Coordenadas aditivas – expressam acréscimos, adição etc.

*Não fui ao trabalho hoje, **assim como** não irei amanhã.*

- Coordenadas adversativas – expressam contraste ou oposição.

*Tentei bastante, **entretanto** não pude comparecer.*

- Coordenada conclusivas – expressam conclusão ou desfecho.

*Não se alimentou direito, **logo** ficará de fora do treino.*

- Coordenadas explicativas – expressam justificativa ou explicação.

*Pouco acreditavam nele, **pois** costumava mentir.*

- Coordenadas alternativas – expressam alternativa ou possibilidade.

***Quer** obtenha sucesso, **quer** fracasse, estaremos ao seu lado.*

Orações Subordinadas

Podem ser de três tipos: substantivas, adjetivas e adverbiais. Aqui vamos tratar especificamente das adverbiais, dando ênfase às conjunções que introduzem as orações. Elas podem ser:

- Subordinada adverbial causal: indica causa ou motivo

*Desistimos de ir à serra, **já que** fazia muito frio.*

- Subordinada adverbial concessiva: indica concessão ou permissão

*Foi bem na prova, **embora** não tivesse estudado.*

- Subordinada adverbial consecutiva: indica conclusão ou consequência

***Sem que** se desse conta, fez o pedido.*

- Subordinada adverbial condicional: indica condição ou possibilidade

***Se** estiver sol forte, passe protetor!*

- Subordinada adverbial conformativa: indica conformidade com o que foi declarado na sentença.

*Não vou ler o relatório, **conforme** já havia antecipado.*

- Subordinada adverbial temporal: indica tempo ou momento de uma ação.

***Assim que** chegar, procure seu superior.*

- Subordinada adverbial proporcional: indica proporcionalidade.

*la subindo na vida, **ao passo que** os outros se mantinham parados.*

- Subordinada adverbial final: indica finalidade ou sentido.

*Emiti o aviso, **para que** não houvesse nenhum risco.*

Amigos, sobre orações coordenadas e subordinadas é isso. Em outro momento voltaremos com essa questão, já que se trata de um assunto muito vasto que, para ser compreendido, precisa ser sempre visitado. E essa coluna está aqui para ajudar você nesse trajeto. Até a próxima, pessoal!



*Sandro Gomes é graduado em Língua Portuguesa, Literaturas brasileira, portuguesa e africana de língua portuguesa, redator e revisor da Revista Appai Educar Digital, escritor e Mestre em Literatura Brasileira pela Uerj.

Professor, agora ficou muito mais fácil publicar seus projetos na Revista Appai Educar Digital!

Esqueça os e-mails: tudo está automatizado!
Basta acessar o link, preencher o formulário e pronto.
Rápido, prático e sem complicações.

[Clique aqui e envie](#)

